



Jumièges e a festa do Lobo-Verde

Jumièges é uma aldeota da Normandia, que está situada em uma pequena península formada pelo Sena, a dezenove kilometros de Ruão. É lugar de pouquissima importancia, e conta apenas mil e oitocentos habitantes. O que ali existe de mais notavel, são as ruinas de um antigo convento de Benedictinos, que, segundo nos diz a historia, fôra construido por S. Philisberto no anno de 654, e do qual saíram muitos homens celebres: S. Eucher, bispo de Lyão, S. Hugues, Guilherme de Jumièges, o auctor de uma *Historia dos Normandos*, etc. Diz-se tambem, mas divergem as opiniões, que na igreja do mosteiro existia o tumulo de Tassillon e Theodoro, duques de Baviera, que ali foram encerrados por ordem de Carlos Magno: segundo alguns historiadores este tumulo era o dos filhos de Clovis I e Bathilde. O que é certo, porém, é que em Jumièges ainda se conserva o coração de Agnès de Sorel, que ali morreu em 1450. Esta mulher, notavel pela sua rara belleza e dotes intellectuaes, foi amante de Carlos VII, e, usando do grande ascendente que tinha sobre o rei, contribuiu muito para a salvação da França, cujo territorio, chegou naquelle tempo, a estar quasi todo em poder dos inglezes.

A procissão, que se vê representada na gravura que precede este artigo, e que se intitula do *Lobo Verde*, é de um uso antiquissimo entre os habitantes de Jumièges, e tem lugar todos os annos em dia de S. João Baptista. Segundo a tradição, deu origem a esta festa um caso muitissimo sin-

gular e extraordinario, mas no qual toda a gente do paiz acredita.

Em um pequeno mosteiro pouco distante da aldeia de que tratamos, cuja abbadessa era uma santa e virtuosa mulher, havia um jumento com tão grande instincto, que as freiras resolveram um dia em capitulo despedir todos os criados, e ficarem unicamente com o asinino animal para as servir. Estas religiosas, além de muitos outros cargos, tinham tambem o de lavarem a roupa que pertencia á igreja de Jumièges; por outra, eram as lavadeiras dos padres e recolhidas deste templo. Ora o jumento desempenhava as funcções de servo, com uma pericia e presteza admiraveis: fazia as compras, levava cartas e recados ás pessoas de amizade das suas amas, ia buscar agua, e creio, até, que trabalhava na horta e no jardim. Comtudo as santas mulheres não mandavam o animal a grandes distancias, com receio de que elle se perdesse no caminho, ou fosse atacado por algum malfetor. Succedeu, porém, em certa occasião, adoecer a pessoa encarrégada do transporte da roupa entre os dois conventos. Quem ha de ir, quem não ha de ir, o tempo vae correndo, os padres e as irmãs já não hão de estar muito contentes com a demora... Vá o burro. Effectivamente o burro poz-se a caminho e dentro em pouco estava de volta com o resultado da sua missão. Desvaneceram-se logo todos os receios e desde esse momento o animal foi julgado apto para tudo quanto um homem pôde fazer, inclusivamente ir a Roma tratar de qual-

quer negocio. Mas não ha bem que sempre dure, nem mal que não acabe. Um dia o pobre jumento, na volta de Jumiéges para o mosteiro; e já mui perto deste, avista de frente um formidavel lobo, que parecia esperal-o com intenções más. A primeira idéa que occorreu ao intelligente animal, foi a de presentear o seu inimigo com dois grandes couces, desfazer-se da carga que conduzia e correr direito ao convento. Mas ainda o pobre jumento não tinha dado um passo, eis que o lobo corre sobre elle, agarra-se-lhe ao cachaço, lança-o por terra, e começa o seu banquete, com todo o ripanço. O burro, coitado, não fazia mais do que zurrar. Chegam os zurros do jumento ao mosteiro. O que será? Corre a abbadessa ao lugar do crime. O dor, ó desconsolação! Já não existe o fiel servidor. Indignada pelo irreligioso procedimento do lobo, intimou-o logo ali da parte de Deus, para que fosse substituir o lugar do burro. O lobo mostrou a principio certa hesitação; mas por fim resolveu-se a seguir a religiosa; e a não serem alguns roubos que praticou, porque, deixemo-nos de contos, lobo ha de ser sempre lobo (nós que o digamos, que temos cá tantos no paiz) a não serem os taes roubos, repito, o lobo não deixaria nada a desejar.

Para commemorar este milagre, foi construida dahi a pouco tempo, no mesmo sitio, uma capella; mas alguns annos depois, caindo esta em ruinas, foi elevada em seu lugar uma cruz de pedra, a qual existio até os tempos da revolução e era conhecida em todos os arredores pela *Cruz do asno*. Na igreja de Jumiéges tambem se vêem dois baixos relevos, um dos quaes representa o lobo conduzindo a roupa, e o outro o mesmo lobo aos pés da abbadessa, que foi canonisada, como que arrependido do mal que fizera.

Determinar a época em que começou a festa do *Lobo Verde* é perfeitamente impossivel. Segundo uns, teve principio no decimo seculo; segundo outros, data dos primeiros tempos do christianismo. O que se sabe, é que no decimo quarto seculo já ella se effectuava, e que de então para cá não tem havido interrupção.

Na vespera de S. João, a irmandade do *Lobo Verde*, dirige-se a um lugar chamado Conihout, que fica a mui curta distancia de Jumiéges (talvez o sitio onde existio o celebre mosteiro) procura o seu juiz ou presidente, e depois de algumas ceremonias meio religiosas, durante as quaes este, que toma o nome de *Lobo Verde*, veste uma opa verde e um bonné de forma conica, de igual côr, voltam em procissão, entoando hymnos ao santo, dando tiros de espingarda, deitando foguetes, fazendo um barulho infernal, vão até Chouquet, onde os espera o parochio da aldeia com os seus acólythos, e dali seguem para a igreja, onde é celebrado um officio com toda decencia. Terminado o officio, torna a procissão com a mesma ordem para casa do *Lobo Verde*, onde é servido um lauto jantar, todo de magro, e em seguida começam os preparativos para a funcção da noite. Em quanto não sóa a hora em que deve começar

a fogueira, os devotos tocam e dançam diante da porta do juiz; mas, logo que as trevas se tornam densas, um rapaz e uma rapariga solteiros, ambos vestidos de branco e enfeitados de flores, lançam fogo ao combustivel, no meio de grande vozearia, tinar de campainhas, foguetes, bombas etc., pasatempo este, que não cessa enquanto não rebenlam as labaredas, e depois cõe tudo em profundo silencio, e é cantado um *Te-Deum*, findo o qual, um dos camponezes mais sabedores e respeitados entõa em dialecto (?) normando um cantico, que não passa de uma parodia ao hymno *Ut queant laxis*. Enquanto a melodiosa e robusta voz do camponio estruge os ares, o Lobo Verde, que até ali apenas tem feito o papel de espectador, chama todos os homens do casal, dão-se as mãos e formam um circulo em torno da fogueira; a irmandade segue-lhe o exemplo descrevendo outro circulo por fóra daquelle. A primeira palavra de um certo versiculo do cantico começam ambos os circulos a girar, cada qual em sentido opposto: um para a direita, outro para a esquerda: e á ultima palavra do mesmo versiculo, o primeiro e o ultimo dos confrades diligenciam segurar aquelle a quem coube a sorte de servir de juiz no anno seguinte: note-se, que esta dignidade só é conferida aos habitantes de Conihout.

Apanhado, enfim, o futuro Lobo Verde, é conduzido até junto da fogueira, onde fazem menção de o lançar, se elle não acode logo com a promessa de preparar-lhes na seguinte festa um grande banquete; e terminada esta cerimonia, invadem todos a habitação do presidente reinante, para tomarem uma refeição, durante a qual ninguém deve pronunciar uma unica palavra que seja, sob pena de soffrer um rigorosissimo castigo: ir de joelhos de Conihout a Chouquet, ouvir a fio dez missas, resar em voz alta trinta corõas a Nossa Senhora, confessar-se, durante seis mezes, de dois em dois dias, etc. Logo, porém, que o relógio annuncia a meia noite, mudam completamente as scenas: ao profundo silencio que reinava, succede a maior algazarra e a mais completa liberdade: dançam, cantam, tocam, jogam, e neste lidar incessante andam até a madrugada, em que cada um então se recolhe a sua casa, para, dando algum descanso ao corpo, poder levar a cabo a tarefa, que termina no fim do dia 24 de junho. Neste dia, em que cada qual se diverte a mais não poder, é que tem lugar a celebre procissão que se vê na nossa gravura; e que não é outra cousa mais do que conduzir pelas ruas da villa, ao som das rezas do parochio, acompanhadas pelas do povo, e por um sem numero de tiros e foguetes, um pão colossal, abençoado pelo pastor daquelle rebanho, e todo elle enfeitado de flores e fitas. Terminadas as festas, a campainha da irmandade do Lobo Verde, que no dia do santo fóra depositada na parochia pelo juiz daquelle anno, passa ás mãos do futuro presidente, como distinctivo da sua nova dignidade.

A GALATÉA MODERNA

(Vid. pag. 42)

XVI

A baroneza do Alpedral á viscondessa do Ramirão

A baroneza sorriu tambem, foi mirar-se em um grande espejo de moldura antiga, e contente de si mesma e dos seus irresistiveis encantos, tendo alisado mui de manso um cabello travesso que se soltára impaciente do jugo, murmurou, sorrindo outra vez, para ver a alvura e brilho dos dentes:

— Que homem! É um mysterio tenebroso! Enganar-se-hia Violante? Seria o amor d'elle um mero capricho, que o tempo trouxe e o tempo levou? Quem sabe? Oh! É necessario estudar este homem. Naquelle coração, ou ha gèlo ou fogo. Enganar-me-hia eu tambem? Não será digno do meu amor... e da minha traição? Eu que disputei com a minha unica e verdadeira amiga a posse de Alfredo; eu, que soube esperar o fructo dos meus trabalhos e aguardei, entre fervencias do sangue, o balsamo que póde curar-me, hei de ver-me agora misera e desprezada, apejada do altar que ergui no peito? Não. Hei de vencer. Alfredo ha de ser meu. Ainda que o amor d'elle caisse na lama, iria lá buscal-o, e rir-me-hia do mundo. Amo muito Alfredo, mas amo mais o meu amor.

E a baroneza, offegante, tremula, voluptuosa, caio em uma vasta cadeira de molas e deixou-se embeber em longa meditação. Quem a visse assim na semi-claridade de um dia de inverno, naquelle silencio de um gabinete luxuoso, encostado o rosto formoso e cheio de paixões, olhos rutilos posto que velados, peito arquejante, braços nedijs, carnção poderosa e translucida, venada admiravelmente; quem a visse assim, immovel, queda, contemplando a ponta de um pé andaluz, que deixava adivinhar reconditos thesouros, julgaria ver a deusa da voluptuosidade, a deusa serena e potente, conscia da sua força; a deusa que tem a immortalidade como segurança do amor; a deusa da paixão dominadora e irresistivel, formidavel pela nudez, imperiosa e tyrannica porque é olympica; a deusa que por capricho se humanou, e, de essencia superior, não teme entregar-se, porque uma deusa póde render-se sem que o culto seja menos reverente e a adoração menos fervorosa.

A baroneza era a Venus antiga, a Venus Astarte, a Venus sonhada pela Grecia e cantada pelos poetas, a Venus vencedora de Psyche, a Venus sem alma, a Venus implacavel, a Venus que conquistava pelo prazer e não se cançava nem se saciava transportada de repente, sem o baptismo christão, para a nossa epoca microphyla e convencional.

A baroneza levou assim alguns minutos naquelle scismar cheio de embevecimentos. O rosto foi-se-lhe animando mais e mais. De vez em quando agitava o braço, e os dedos tremiam e batiam na cadeira. As azas do nariz, voluptuosas, dilatavam-se; os olhos iam-se abrindo e os labios confrangiam-se-lhe até acabarem por um sorriso. A transfiguração era completa. De repente alevantou-se, foi-se

sentar junto á escrevaninha e dispondo o papel começou a escrever convulsa esta carta:

«MINHA QUERIDA. — Não te esqueças da promessa.

«Hoje á noite temos *rendez-vous* em S. Carlos. «Quero ver-te e conversar. Bem sabes que no meio «da multidão melhor e com mais segurança se con- «versa. O barão teve o capricho de ir vêr uma das «suas herdades e deixou-me só. Peza-me a solidão, «e tu és a minha unica amiga, és a amiga do co- «ração. Sou egoista, bem sei. Mas o que queres? «Já agora assim hei de morrer. Acabei de lêr um «livro que te recommendo. É escripto por um poe- «ta pensador, que, depois de velho, acredita no pro- «gresso! Não sei se me entendes. Se não me en- «tendes, não admira, porque tambem eu não en- «tendi o livro.

«Esquecia-me dizer-te que o poeta é *Michelet* «e o livro a *Bible de l'Humanité*.

«Se padeces de insomnias não conheço melhor «remedio, porque a philosophia não é para quem «sente pulsar um coração.

«Tua até a morte — *Anna*.»

«P. S. O teu primo e nosso bom amigo Alfre- «do de Mello chegou a Lisboa e veio hoje visitar- «me. Não sabia que tu estavas em Lisboa, por «isso não foi ainda apresentar-te os seus respei- «tos. Isto é textual, e vê-se que lá por fóra as «phrases sociaes são inventadas pelos burguezes. «Alfredo disse-me que, provavelmente, ia tambem «a S. Carlos. Não será conveniente que appare- «ças?

«Adeus, adeus, adeus, e até a noite. — *Anna*.»

A baroneza, que, como todas as mulheres, guar- «dára para o *post-scriptum* o unico motivo, que a «levára a escrever, pousou o dedo no botão da cam- «paina electrica, e mandou a carta.

Depois, sentando-se outra vez, proseguio no seu monologo:

Decididamente, dizia ella, hoje é a grande pro- «va. É forçoso combater e vencer. Violante, pare- «ce-me, nunca amou Alfredo. Veremos. Prepare- «mo-nos para a lucta, que póde ser renhida. Mas «como amei Alfredo? Como deixei que este amor «se apoderasse de mim, e me avassallasse, como «se eu houvesse saído agora do convento? Para «que pensar nas causas quando são irremediaveis? «Pensemos antes nos effeitos. Oh! como eu o amo! «Parece-me que voltei aos dezoito annos, áquella «primavera de encantos e enganos, que mal me «deixáram gosar nos braços do barão. Como o amor «rejuvenesce! Como eu me sinto *menina e moça*, «disposta a entregar a alma ao Bernardim, que o «meu coração escolheu. Porque hei de resistir a «esta paixão? Se eu pudesse fugir á corrente, que «me arrasta! Se eu pudesse dizer ao coração que «pulsa: pára ahi, não vás mais longe! Mas o co- «ração é mais poderoso que as furias do mar. Se «eu conseguir prender Alfredo, encontrára o pa- «raiso; mas se apenas o bafejar, heide requei- «mal-o com o meu halito de fogo, porque cá den- «tro sinto-me arder. Julguei que aos vinte e cinco «annos já não se podia amar assim, com tanta do- «çura ligada a tal violencia.

E a baroneza proseguia assim, cada vez mais arrebatada.

E admirava-se de amar assim, ella, que devorara Balzac, Charles de Bernard e Thackeray! Como não acontecera isto, se a sua natureza luxuriante, sempre forte e vigorosa, sempre a renascer, sempre a gastar vida, que lhe era excessiva, tinha esses embevecimentos, essa insciencia das primaveras robustas, que florescem e fructificam muitas vezes, senão ao mesmo tempo?

Mulheres assim são capazes de soltar lascivo e amoroso o ultimo suspiro no leito da morte.

O passamento dellas aos oitenta annos é apenas o epilogo do amor.

Marion Delorme é exemplo eloquente.

(Continua)

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

A firmeza de character unida á faculdade de generalisar, constitue os homens superiores. Estes sabem pensar e operar ao mesmo tempo.

SAY.

O CASAMENTO Á MODA

(Gravura de Hogarth)

O buril é tão eloquente como a penna. A vasta obra de Hogarth é a mais viva demonstração do theorema antecedente. O campo immenso que os ridiculos, os vicios, os crimes dos homens, abrem á comedia observadora, enche o Hogarth com a sua possante individualidade. A flexibilidade inaudita do seu buril presta-se a reproduzir o comico em todas as suas manifestações, que as tem innumeradas, o comico doloroso, o comico humoristico, o bufão, o satyrico, o sarcastico, o simplesmente folgasão, a comedia que Molière escrevia com a penna de Alceste, o capitulo de viagem de Sterne, a gargalhada truanesca de Fallstaff, a quintilha cheia de bonhomia do Tolentino, o iambo sanguinolento de Barthelemy, o travesso, inoffensivo, e risonho folhetim de qualquer espirituoso chronista dos *Courriers de Paris*.

Hogarth reúne na sua physionomia litteraria todas estas feições tão diversas, e que são, comtudo, apenas as diferentes faces, as diferentes fórmulas desse vulto burlesco é intangivel, desse Protheu que se chama comedia. Viram o *Infeliz poeta*? É um drama. É um drama sim, e tem comtudo as apparencias da comedia, porque se a antiguidade cobriu a meio o rosto de Thalia com a mascara travessa, não foi de certo porque lhe não corressem muitas vezes pelas faces as lagrimas de Melpomene. E não são talvez tão lancinantes as dores tragicas desta ultima, que compõe as pré-gas do manto, que ergue o braço em airosa curva com a taça do veneno em punho, que faz scintillar o punhal dos quintos actos á luz ardente do proscenio, que procura, emfim, e que sabe cair com graça como o gladiador do circo; mas as dores que a mascara encobre, essas retraem-se ao coração, e em quanto empeçonham o sangue, contorce-se a mascara, tomam-se attitudes burlescas, e morre-se, emfim, não conchegando a toga, como Cesar, mas levando talvez um pontapé *vous savez ouï*, dizem os Francezes, como Polichinello ou Pierrot.

Ora o *Infeliz poeta* é o drama, o drama do talento menosprezado e vilipendiado. O *Musico enraivecido* é o folhetim, a travessura, a gargalhada gaiata. O buril descança um instante da sua tarefa sombria e faz *l'école buissonnière*, doideja, puxa pelo rabicho aos pedantes, ri, se na cara delles e continua logo depois na sua empreza de assentar o latego da satyra nas largas costas do vicio triumphante, do crime respeitado.

Querem o capitulo de Sterne, o humorismo extravagante, o devaneio comico, o sonho inglez? Vejam a *Contradanza ridicula*. A phantasia divagou á vontade nas regiões do excentrico, e produziu essa collecção estapafurdia de typos disparatados, de chymeras absurdas, de filhos vaporousos e ephemeross de uma orgia de buril.

Querem agora a comedia de observação, fria, implacavel, exacta, a comedia como a fez Molière retratando os francezes, como os nossos contemporaneos a pretenderam fazer com mais ou menos felicidade? Vejam o *Casamento á moda*. A gravura que hoje apresentamos aos nossos leitores é uma das que constituem essa admiravel serie.

Um caricaturista qualquer, Gavarni mesmo (o espirituoso desenhador cuja perda recente a França lamenta ainda) teria apanhado as scenas capitales dum casal extravagante e separado pelas más paixões, tel-as-hia ao acaso confiado ao buril, tel-as-hia arrojado á publicidade, e essa collecção de quadros, feita sem ordem, constituiria uma serie como *Les Lorettes vieillies*, *Les Enfants terribles*, *La Poste aux lettres*, qualquer, emfim, dessas collecções que immortalisaram o grande desenhador francez, e onde o unico laço que prende tantas composições diversas, é a unidade do assumpto, o pensamento unico presidindo a todas ellas.

Mas o espirito methodico dos inglezes não consentio a Hogarth esse doidejar aventureoso no campo da observação. As suas series são verdadeiras comedias com enredo, principio, meio e fim. Animem os personagens nas telas, travem entre elles o dialogo, dêem aos segundos planos a perspectiva do palco, e ahi tem verdadeiras e admiraveis peças de theatro.

O enredo do *Casamento á moda* foi depois milhares de vezes aproveitado pelos escriptores theatraes de todos os paizes. Um fidalgo tem um filho, um negociante opulento e plebeu uma filha. Aquelle quer dourar o seu brazão, este nobilitar o seu ouro, o filho quer ter dinheiro para dissipar, a filha quer um titulo para humilhar as suas rivaes. O casamento realisou-se.

As consequencias adivinham-se. Essa opulencia, com que o fidalgo esperava levantar as torres arruinadas do seu castello solarengo, some-se no sorvedouro dos bailes, e dos lupanares. O desgosto de ter proporcionado a seu filho os meios de ainda mais aviltar o seu nome, arrasta á sepultura o fidalgo: a raiva de ver desaparecer num abysmo a riqueza fructo do seu trabalho mata o negociante. O esposo é morto numa rixa de taverna, e a esposa morre de miseria numa agua-furtada.

A nossa gravura representa a estampa que se intitula o *Salão*. É uma das scenas que se repetem frequentemente nesse palacio. Houve um baile na vespera. Os criados, que seus amos não vigiam, deixaram tudo ainda na desordem da

noite, cadeiras caídas, musicas espalhadas. Lá ao fundo apparece um bocejando e coçando a cabeça. O marido volta duma orgia, com os fatos em desordem, as faces lividas, o olhar estúpido. A esposa, cheia de somno, levantou-se porque tem de dar em companhia de alguns dos seus convidados um passeio ao campo, toma uma chayena de chá, e olha com desprezo para o marido. O mordomo, que veio apresentar as contas e os rões dos credores, repellido desabridamente,

retira-se levantando as mãos ao céo. Que scena de comedia!

Ó Hogarth! Ó Molière!

M. PINHEIRO CHAVES.

Não te cases com mulher rica: teus filhos seriam inimigos natos do trabalho.

PYTHAGORAS.



O casamento á moda

EUGENIO PELLETAN

(Continuado de pag. 21)

IV

Mas além destas phases, porque passa cada vez com mais precocidade o espirito humano, neste nosso seculo, em que a vida é tão intensa, e ás vezes, infelizmente, tão esteril e ephemera, accresce que a minha alma obedeceu a outras circumstancias particulares, que influiram immenso no seu pensar, a ponto de o alterarem completamente.

Rendido o espirito ás sciencias exactas e ás da natureza, subjugado por esse grande panorama da creação, todo sujeito, ainda nas apparentes aberrações, ás leis immudaveis e fataes que regem a materia nos seus cyclos infinitos; vendo por toda a parte a gravitação em torno de centros communs de acção, fui a pouco e pouco acreditando que a linha recta é contraria aos designios da sabedoria eterna.

Tudo se move no vasto systema da creação; mas este movimento, que é a vida, a essencia activa da materia, não é livre, senão vassallo de certos principios inalteraveis. O equilibrio estabelecido, a invariabilidade dos cosmos, exige que em todas as manifestações vitaes, quer nos grandes corpos, quer nos átomos, os individuos que formam o systema não possam afastar-se da sua esphera limitada de acção.

O movimento é essencialmente de ondulação; parte, chega e volta, para partir de novo e de novo voltar.

A vida é um pendulo gigante.

A linha recta conduz ao infinito; infinito do espaço e do tempo.

Pertencerá pois á materia um theatro infinito nas suas evoluções?

E dêmos que esse theatro seja infinito; dêmos até que a materia creata ou increata tenha por si a eternidade de duração e extensão. Que importa? Ainda assim a linha recta é alheia á natureza. Ainda assim encontraremos sempre o movimento orbicular, e sempre, não o caminho em linha recta, senão o movimento cycloidal.

O estudo da natureza mostra-nos a periodicidade em todos os phenomenos, quaesquer que sejam.

A serie divergente não se coaduna com as restricções da materia individualisada.

Tudo gira em torno de focos vitaes; as forças passam por esses focos, e o jogo mutuo dellas, pela combinação de suas acções, produz as elipses, nunca as parabolos nem as hyperbolos, nem as curvas de ramos infinitos.

A lei da gravitação, ou como querem agora alguns philosophos, a expressão de uma força desconhecida, que Newton applicou ao systema planetario, reconheceu-se hoje que era tambem applicavel a todos os systemas solares, que povoam o espaço e formam o cosmos.

Em todos os grandes movimentos a unidade faz-se, á medida a sciencia levanta o véo, e essa

unidade, o mais bello monumento do espirito humano, mostra que a orbita elliptica é o caminho obrigado dos astros.

Nos movimentos molleculares, se bem que a observação seja nelles muito mais difficil, a experiencia conduz-nos a identica conclusão.

Acompanhemos, porém, a materia nas suas variadissimas transformações, as quaes, tão completas e perfeitas apparecem aos nossos olhos espantados, que por um pouco lhes não chamamos genesis artificiaes. Activemos os agentes naturaes: o calor, a electricidade, o magnetismo, a cohesão, a afinidade, as eremacausias; que resulta de tudo isto? Novas manifestações sempre limitadas.

Acreditando, pois, o que é o caso mais desfavoravel, na eternidade da força e da materia dispondo de um theatro infinito e infinito tempo, a natureza circumscreveu-se a centros attractivos, que lhe limitaram *ab initio* as suas eclusões.

Tal foi a lição, que eu colhera, e esta lição, força é dizel-o, mostrou-me que á natureza repugnava o caminhar em linha recta.

(Continúa)

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

OBRAS DE CATALDO AQUILA SICULO.

(Continuado de pag. 35)

«Chamei-te amigo na qualidade de homem; mas na de judeu reconheço-te como inimicissimo. Oxalá que Deus permittisse que tal nem eu conhecesse nem experimentasse. Muito melhor é o começar mal, e acabar bem, do que fazer o contrario.

«Põe diante dos olhos a Paulo e a Judas: Judas começou bem e acabou mal: Paulo pelo contrario. Faze por ser antes Paulo do que Judas. Este, desesperando, matou-se, e matando-se acabou com um homem scelerado. Aquelle emendando-se do seu erro, veio a ser mestre das nações. O primeiro vive com o diabo; o segundo com Deus. Depende da tua vontade seguir a um ou a outro.

«Se por acaso, sem famigerados medicos, e entre esses Hippocrates, Chiron, Esculapio ou o proprio Apollo, viessem todos juntos para tratar dum doente, e o doente não quizesse ser curado, debalde empregariam seus artificiosos poderes contra vontade daquelle.

«Deixa, deixa, por algum tempo examinar as tuas feridas: não vae nisso, nem perigo de vida, nem terás alguma dôr ou incommodo. Responde-me: donde provém que nem um só judeu, posto que perfumado com bons cheiros, e vestido com preciosas roupas, deixa de cheirar mal; fede e nausea aos circumstantes; e logo que recebe o sagrado e santo baptismo, já não exhala como dantes fetido, como se tivesse vindo da immundicie; mas, pelo contrario, como se tivesse saído de um rosal, ou de um lugar cheio de deliciosos aromas não sei que suave e odorifero cheiro lança de si, por um repentino milagre de Deus!

«Mas afirmas que nesta tão grande devastação, destruição e mortandade, os judeus são martyres, á maneira daquelles discipulos de Jesu-Christo.

que ardentemente soffreram differentes supplicios em diversos lugares pelo seu predilectissimo mestre!?

«Em tudo o exemplo deve ser opposto a exemplo. Teriam esses ladrões soffrido tantos trabalhos, tantas afflicções, tão cruelissimas mortes corporeas com o mesmo animo com que aquelles ditosissimos alegremente as soffreram! O martyrio convertia-se para elles, estando no meio dos tormentos, em suavidade, alegria e admiravel jubilo; e as brazas se mudavam em rosas, que tão facilmente os reanimavam quasi moribundos. Os que os invocavam e criam facilmente, eram livres de doenças e padecimentos. Além do que peço-te me digas em que lei se ordena que aquelle que se enforca, se apunhala, e se lança ao mar, seja tido como martyr? Será martyr, mas de Satanaz.

«Oh! quantos vimos nós neste anno coroados com um tal martyrio! Muitos valentes e magnanimos circumcidados, a fim de não possuirem a gloria eterna, para alcançar a qual deveriam ter praticado isto mesmo, primeiramente degolava a mulher e os filhos; e em seguida, depois de degolados, para que não fossem sem companhia, apertado o pescoço com uma corda, ficavam pendurados, como lindissimos espectaculos!

«O' cavalleiros dignos de eterna memoria! Tu porém, manhoso, no meio de taes desgraças como da seita de Platão, e tambem para pareceres outro Platão ris e finges-te alegre, quando elles pelos seus merecimentos caminham para o inferno!

«Fazes bem: exhorta-os nas reuniões com os teus discursos para que sejam fortes alliados de Satanaz.

«Dizei-me, ó filhos e perfektissimos imitadores de Judas: porque julgaes vós, que os christãos são uma cousa tão vil, tão abominavel e horrenda, vós que apesar de não serdes christãos, vos atreveis a commetter crimes tão infames! Quando o piedosissimo Manoel, empregadas muitas supplicas, exhortações e carinhos, á maneira de um optimo, pao, ha pouco vos chamava para a fé catholica, propria de homens de intelligencia, por ventura obrigava-vos a vos transformarem em serpentes, em sapos, em morcegos, ou em persevejos?

«O' geração não de homens, mas de malvados brutos! O benignissimo rei vos acolheu, e não se desprezou de se tornar vosso pae junto á fonte sagrada, e tambem de dar o seu nome áquelles que o não mereciam.

«Vós, os mais perdidos de todos os animaes, obraes como mulas. Tratadas bem por seus donos, que em signal d'amizade e carinho, as aflagam, passando-lhes a mão suavemente por cima do pello, ellas resistem, e, ou lhes ferram os dentes, ou lhes atiram um couce ao peito ou ao estomago, donde lhes provém muitas vezes uma afflictissima morte!

O' viboras, ó basiliscos muito mais perniciosos, do que as proprias viboras e os proprios basiliscos! O justissimo rei não poderia na minha opinião offerecer um maior presente ao Rei celeste do que esfolar a todos os principes da

synagoga, e depois d'esfolados, deital-os a um rio, onde houvesse bastantes pedregalhos: rio que ha tanto tempo desejam ir ver, e onde (conforme elles proprios dizem) ha abundancia de judeus reinando e triumphando; e as pelles delles, cheias de palha collocal-as nos lugares mais elevados das torres. Ignoras por ventura que neste mesmo anno em que estamos, os Davids teus parentes (cujo numero era infinito) foram todos mortos na Panonia, e piissimamente estrangulados pelo povo? O' habitantes da Panonia, os vossos excellentes manjares constam d'optimas carnes. *Julgando ter em lyrio senti um espinho.*

M. BERNARDES BRANCO.

(Continua.)

Para ser bom pae basta ser homem; para ser bom filho é preciso ser homem de bem.

BLANCHART.

RECORDAÇÕES DE UM BAILE DE MASCARAS

(esboçadas num album)

Era no baile recordas-te?
Quando eu pela vez primeira
Te encontrei, minha formosa,
Encubriendo sorateira
Co'a masc'ra de rendas pretas
O teu rosto encantador,
E nas pregas indiscretas
Do dominó cor-de-rosa
Escondendo a forma airosa
Do teu corpinho elegante!
Inda te lembras?

De amor

Senti pulsar-me no peito
Delirante o coração:
Tu, linda, gentil, galante,
Não sei que fagueiras fallas
Alli me disseste então:
O que sei é que perdido
Na amplidão daquellas salas
Outra cousa no sentido
Não tinha eu já senão ver-te,
Senão amar-te e dizer te
Que eras tu, virgem querida,
Dominó de rosea cor,
Que eras tu a minha vida,
Minha esp'rança, e meu amor!
E julgas tu, minha linda,
Que amar te não posso eu?
Eu, peccador neste mundo,
E tu archanjo do céu?
Julgas que não?

Quem te disse

Que em meu coração ainda
Amor violento e profundo
Se não podia aninhar?
Quem te disse, ai! quem te disse
Que em delirante loucura
Te não podia eu amar
A ti, gentil formosura,
Virgem de amor e meiguice,
A ti, archanjo do céu?

É que ha na terra bem poucos
Corações como este meu!

Amar-te, e muito! — Ambos loucos,
Um pelo outro, de amor...
Fôra a suprema ventura!
Fôra ver no teu sorriso
Despontar-me um paraíso
Deslumbrante e encantador!

Depois... passei toda a noite
Com febre... seismando em ti!
Perdi de tudo a lembrança;
Só da tua masc'ra de rendas,
Ai! só dessa a não perdi!

Sorria-me alegre a esperança
De outra vez tornar a ver-te
Sem dominó a esconder-te,
Sem masc'ra a occultar-te o rosto:
Co'essa esperança lisongeira
Disfarçava o meu desgosto
De tão cedo te perder,
Meu dominó côr-de-rosa,
Minha masc'ra sorrateira,
Que de amor terna e fagueira
Me vieste enlouquecer:
Co'essa esperança me alentava,
Co'essa esperança tão formosa
De outra vez tornar-te a ver!

Serias linda? — Os teus labios
Que me deixaste espreitar
Fallavam sempre tão doces
Com tal meiguice a encantar,
Que era impossivel não fosses
Linda, mui linda!

Bastava
Sondar-te como eu sondei,
O teu coração formoso
Que tanto me enfeitava,
É encontrar, como encontrei,
Um thesouro precioso
De virtude e de meiguice,
De candura e de paixão,
Bastava isto só que eu disse
Para ad'vinhar o teu rosto,
Virgem de amor, meiga e pura,
Semelhante em formosura
Ao teu bello coração!

Mais tarde, quando eu te vi
Já sem masc'ra a disfarçar-te,
Quando, louco ao pé de ti,
A tua ilhargá sentado,
Juras de amor proferindo
Delirante e apaixonado,
Pude á vontade mirar-te,
Foi então que revelada
Me ficou desse teu rosto,
Desse teu rosto tão lindo,
A expressão meiga e formosa,
Minha gentil mascarada,
Meu dominó côr-de-rosa.

Linda, oh! tu és linda, linda,
Tão linda que nem eu sei
Que em tanta doçura infinda,
Em tanto encanto e elegancia
Se encontre um *senão!*

Direi —
Apenas, que és tão formosa,
Que vens endoidar-me a vida
Co'a embriaguez da fragancia
Desses labios côr-de-rosa,
Rosa vermelha e incendida
Onde o mimo, o aroma, e a côr,
Tudo inspira e exhala amor!

Vê lá tu, se me enganei
Quando eu pela vez primeira
Mascarada te encontrei,
E te supuz tão formosa,
Minha linda sorrateira,
Meu dominó côr-de-rosa!
.....
São estes aquelles versos

Que eu hontem te prometti:
No coração, me brotaram,
Com o teu amor os nutri.

Escrevendo-os, anhelava
Por ti o meu coração:
Febre de amor me queimava,
E recrescia a paixão:
E, escrevendo-os, escrevia-os,
Sem já cuidar de mais nada
Que da tua masc'ra de rendas,
Minha gentil mascarada!

E, escrevendo-os, escrevia
Com o sangue do coração,
Que eras tu, virgem formosa,
Eras tu só quem eu via
Nos devaneios d'então:
E eras tu quem me sorria,
Meiga brisa da minha alma,
Candida flor em botão,
Anjo de amor e poesia,
Meu dominó côr-de-rosa,
Minha casta inspiração!

OLYMPIO DE FREITAS.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

ESTUDOS SOBRE A ORGANIZAÇÃO JUDICIÁRIA.
Pelo sr. Luiz Leite Pereira Jardim. (Coimbra.
Imprensa da Universidade. 1866.) Com uma
conceituosa *épygraphie* de Charles Coquerel: Il
faut profiter du passé, servir le présent et pré-
parer l'avenir.

Estes *Estudos* entraram no quadro da dissertação inau-
guravel para o acto de *Conclusões Magnas* do sr. Luiz
Leite Pereira Jardim.

O argumento que a illustrada Faculdade de Direito pro-
pozera, em Congregação de 13 de dezembro de 1865, é
o seguinte:—Na reforma da organização judiciaria, qual
dos systemas será preferivel—a conservação de juizes
singulares nas primeiras instancias, ou a sua substituição
por tribunaes collectivos?—

Em volta deste argumento, e como que para o prepara-
r logicamente, traça o auctor os lineamentos de um
bello trabalho, que assim são figurados: Generalisação
da historia do processo;—organização judiciaria nos po-
vos livres;—discussão do juizo collectivo.

Um prefacio muito erudito, por vezes eloquente, e re-
passado sempre de formosa philosophia, serve ao auctor
de transição para ir percorrer as paginas da historia,
afim de inquerir quaes foram a justiça, a organização ju-
diciaria, e o modo de proceder, em materia de julgamen-
to, das gerações passadas. Nesta parte dos *Estudos*, que
tem por titulo:—*Generalisação da historia do processo*—
examinára o caracter do processo entre os povos orien-
taes, na India, no Egypto, e na Judéa; entre os Gregos
e Romanos; as influencias do direito romano e do direito
feudal, bem como das capitulares de Carlos Magno no
processo; e, finalmente, as phases historicas, pelas quaes
tem passado o systema de processo entre nós.

A 2.^a parte, que tem por titulo:—*Organização judici-
ria nos povos livres*—é consagrada á resolução das gran-
des questões da independencia dos tribunaes; da inamo-
vibilidade dos juizes; do provimento por concurso e do
noviciado na magistratura; das funcções do ministerio
publico; da responsabilidade dos juizes e funcionarios
de justiça; etc.

Na 3.^a parte, que se intitula:—*Discussão do juizo col-
lectivo*—examina, em todos os seus aspectos, a grande
questão do jury; e põe remate ao trabalho com a reso-
lução do problema proposto pela Congregação, opinando:
que na applicação da lei ao facto, os tribunaes de pri-
meira instancia devem ser compostos de um só juiz.

—Este rapido esboço é bastante para dar uma idéa
da importancia dos assumptos sobre que versam os *Es-
tudos*; cumprindo-me apenas declarar, nesta simples no-
ticia bibliographica, que a execução do trabalho me pa-
receu estar na altura da indicada importancia.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.